



HISTÓRIA E HERMENÊUTICA DA MEMÓRIA EM “MARCHA TRIUNFAL DEL EJÉRCITO REBELDE” DE JESÚS ORTA RUIZ

Nóslensalem R. de Souza (IFB)¹

Resumo: Este trabalho buscou uma análise teórico-interpretativa do poema “Marcha Triunfal del Ejército Rebelde”, de Jesus Orta Ruiz, através da hermenêutica da memória, de Paul Ricoeur (2006), quem apontou que na cultura ocidental, desde Descartes, existe uma empatia pelo “esquecimento metódico”, cujo sentido e articulação expõem a condição política das representações e das formulações da memória coletiva, para além de uma retórica da perda e do apagamento. As memórias coletiva e histórica são abordadas na perspectiva de Maurice Halbwachs (1990). Eles mostraram como a lírica épica do poeta retomou a história da pátria interrompida e como nisso a guerra cumpriu seu papel sagrado de realização. Chega-se, portanto, a conclusão que, neste contexto, as rebeliões fecundaram a guerra que gestou e pariu a nacionalidade e a liberdade.

Palavras-chave: Hermenêutica. Memória. Jesus Orta Ruiz. Revolução Cubana. Fidel Castro.

Abstract: This work sought a theoretical-interpretative analysis of the poem “Marcha Triunfal del Ejército Rebelde”, by Jesus Orta Ruiz, through the hermeneutics of memory, by Paul Ricoeur (2006), who pointed out that in Western culture, since Descartes, there is an empathy for the “methodical forgetting”, whose meaning and articulation expose the political condition of representations and formulations of collective memory beyond a rhetoric of loss and erasure. Collective and historical memories are approached from the perspective of Maurice Halbwachs (1990). They showed how the poet's epic lyric resumed the history of the broken homeland and how war fulfilled its sacred role of realization in this. As has been said: the war fertilized, managed and gave birth to both nationality and freedom.

Keywords: Hermeneutics. Memory. Jesus Orta Ruiz. Cuban Revolution. Fidel Castro.

Introdução

Um evento grandiloquente como a Revolução Cubana é a epopeia do povo cubano para vencer o jugo a que foi submetido por duas potências, Espanha e Estados Unidos, em momentos diferentes. O que abriu o condão para a análise interpretativa sugerida pelo título, na perspectiva histórica e hermenêutica. Cujo resultado logrou chegar a conceitos mestres para a nação interrompida e renovadamente revivida: nacionalidade e liberdade.

¹ Graduando em Letras - Espanhol, Instituto Federal de Brasília, Brasília, Brasil, e-mail noslensalem@gmail.com.



1. Memória coletiva

O sociólogo francês Maurice Halbwachs, influenciado pelo pensamento de Durkheim, procurou fazer investigações pouco afetas às preocupações sociológicas e colocou-se como tema a memória; desenvolveu dois vivos e duradouros conceitos: memória coletiva e memória histórica. Ambas são de natureza social e pertencem ao terreno do coletivo.

No quadro das memórias, inserem-se também as lembranças, que são parte constitutiva da primeira. É possível acessá-las através de outras pessoas dos grupos porque “concordam no essencial, apesar de algumas divergências” e que fazemos isso porque “nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior” além de que sempre temos em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem, já que nossas lembranças permanecem coletivas mesmo quando estamos sós. (Halbwachs, 1990, p. 25-26).

Esse pertencimento coletivo se dá por minhas experiências, pelas alheias, por relatos feitos, por textos lidos. São todas matérias que participam da minha consciência de indivíduo e por isso “não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de um tal grupo para outro”. (Halbwachs, 1990, p. 26). Sem a necessária presença ‘sob uma forma material e sensível’ das testemunhas. (Halbwachs, 1990, p. 27)

A matéria que dá substância as lembranças são as imagens, e a rememoração dessas imagens que por sua condição necessária estão instaladas em nosso espírito como um quadro vivo dos acontecimentos não é possível acessar apenas por depoimentos “esse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças” (Halbwachs, 1990, 28)

Reafirmando que nunca estamos só, o autor dirá que se o evento tem significado para nós, não é apenas pelo depoimento, senão porque não tínhamos “perdido o hábito nem o poder de pensar e de nos lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte, isto é, colocando-se no seu ponto de vista, e usando todas as noções que são comuns a seus membros” (Halbwachs, 1990, p. 29). Cujo liame é o afeto e o mundo material que tínhamos em comum com eles. Na ausência disso as lembranças se perdem ou têm sua representação cortada, pois “é do conjunto que seria necessário partir” (Halbwachs, 1990, p. 32) um ponto de vista qualquer.

Sobre aquelas memórias que resistem é preciso assinalar que, se permanecem dentro de nosso quadro de percepções e preocupações, é em razão de que “tudo se passava então como se não tivéssemos deixado o grupo de seres humanos mais ou menos afastados a que ligávamos



nossas reflexões: nós lhe incorporaríamos todos os elementos do meio novo que pudessem se assimilar a ele [...] nós o conservaríamos pela parte mais frágil de nós mesmos” (Halbwachs, 1990, p. 35). O afeto que cultivávamos entre mim e meu grupo não se rompeu.

Essa natureza social peculiar do fenômeno de memória faz com que elas se perpassem recíproca e mutuamente, resguardadas suas características; “a memória coletiva tira sua força do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo”, já a memória individual segue no compasso de um “ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 51). Resumindo o pensamento, todas as operações da memória são de natureza social.

2. Memória histórica

O autor começa o capítulo dizendo que não é comum falar de memória de um grupo, mas ele admite que existem para as lembranças uma forma de se organizar associada à pessoa e outra associada ao grupo, por este motivo, esta rede complexa de funcionamento da memória faz Halbwachs entender que “haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias” (Halbwachs, 1990, p. 53). O que faria o indivíduo assumir posturas diferentes dependendo do grupo. Dizemos que nos lembramos das individuais porque nos interessam, e nos lembramos da coletiva porque interessa ao grupo.

A substância que a memória individual foi buscar, pela necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros, se dá por que não é possível acessá-la “sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio” (Halbwachs, 1990, p. 54). Em resumo, é uma memória limitada no tempo e espaço.

A limitação também se aplica à memória coletiva. Mas ela é bem mais remota no tempo. Isso acontece com a história da nação. Os eventos remotos que eu não presenciei ocupam espaço na memória da nação, mas eu só posso acessá-los pelos relatos das testemunhas ou pelo estudo e isso é importante porque “no pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo [...] porque a tradição neles subsiste muito viva”. (Halbwachs, 1990, p. 54)



O que Halbwachs quer dizer é que no teatro dos acontecimentos da vida, os eventos que eu como indivíduo conheci pertencem a mim, enquanto que os eventos os quais eu não testemunhei só podem ser acessados pelo relato das testemunhas ou pelo estudo.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias [...] uma interior ou interna, outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. *Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira.* Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (Halbwachs, 1990, p. 55)

Há, portanto, uma conversão e uma interpenetração da memória individual e coletiva, que encontra uma equação na constituição de acontecimentos da vida do grupo e na condição de nos afastarmos de nós mesmos (Halbwachs, 1990, p. 57). Esta afirmação converge para uma tese que Halbwachs aceita, porém não considera a melhor “se a memória coletiva não tivesse outra matéria senão séries de datas ou listas de fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel bem secundário na fixação de nossas lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 57). Este é o momento privilegiado que faz o indivíduo interessar-se pela memória contemporânea, como também foi possível interessar-se pelos eventos passados, por um motivo forte: os fenômenos não se explicam por razões individuais, senão pela ‘natureza social dos seres do meio nacional contemporâneo’ (Halbwachs, 1990, p. 59).

Toda a dinâmica da memória até aqui apontada ocupou-se de discutir eventos que exigem distanciamento histórico, falamos, portanto, da história mesma, ou seja, não uma sucessão cronológica de datas, mas tudo o que distingue um período dos outros (Halbwachs, 1990, p. 60). Mas interessa também ao autor saber como a história contemporânea se envolve e marca nossa memória. Isso se dá pela força da relação com nossos pais e avós. No interior dessa relação, a impressão pessoal recorre à memória histórica de um evento importante da memória nacional, e que, no entanto, necessita das minhas memórias de indivíduo, para formar uma “comunidade de substância”.

Para que, atrás da imagem, ele atinja a realidade histórica, será preciso que saia de si mesmo, que se coloque do ponto de vista do grupo, que possa ver como tal fato marca uma data, porque penetrou num círculo das preocupações, dos interesses e das paixões nacionais. Mas nesse momento o fato cessa de se confundir com uma impressão pessoal. Retomamos contato com o esquema da história. É então, diremos, sobre a memória histórica que é preciso se apoiar (Halbwachs, 1990, p. 61).



Nossos pais nos trazem eventos mais recentes e nossos avós nos levam a eventos ainda mais distantes. Por isso a idade desses ilustres antepassados com o mundo faz com que o passado não seja apenas passado, mas também tudo o que restou dele, ou seja, de história viva que se perpetua e se renova e onde encontramos correntes antigas de pensamentos que só desapareceram em aparência (Halbwachs, 1990, p. 67).

Segundo ele, memórias coletivas e memórias históricas não se confundem, e até se opõem em vários pontos. Isso se dá porque a memória pertence à tradição e a história pertence ao quadro dos acontecimentos. Por isso a história só tem serventia quando falamos de grupos distanciados no tempo, pelo contrário enquanto a memória coletiva existir e for possível “encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservaram alguma lembrança” (Halbwachs, 1990, p. 80), não é necessário colocá-la em narrativa.

Extraímos disso que a primeira é por natureza afeta a rupturas, enquanto a segunda é voltada para a continuidade e encontra suporte nas testemunhas do evento, no grupo participante e no indivíduo participante.

Quando nada disso é possível, pois seriam fatos externos aos grupos e distante do centro de suas preocupações, “então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. Pelo contrário, a memória coletiva não necessita de nada disso.

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem (Halbwachs, 1990, p. 82).

Sintetizando tudo o que foi dito, aprendemos o seguinte: a memória coletiva, diferente da histórica, não é descontínua, não se rompem os eventos, não se sucedem como baile de interesses, não há a primazia da aparência de renovação ante os acontecimentos; nas palavras de Halbwachs, “na história, se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro” (Halbwachs, 1990, p. 82). Pois na memória coletiva nenhum deus *ex machina* vem romper ou picotar os eventos e acontecimentos em



pedaços e escrevê-los em papel. Até mesmo porque nem mesmo os acontecimentos grandiosos alteram de uma hora para a outra a natureza da memória coletiva.

Mesmo um vendaval revolucionário não tem a capacidade de alterar completamente a forma como a memória coletiva e a memória histórica agem nos cenários da vida, nosso estudioso diz que “o melhor meio de fazê-las criar raiz, é ajudá-las em tudo aquilo que se puder aproveitar das tradições” e mais “é preciso recomeçar do ponto onde fomos interrompidos, é preciso retomar as coisas do início” pois isso “terá permitido que passemos de uma etapa a outra sem a memória coletiva tivesse em nenhum momento o sentimento de se interromper”. Forma suntuosamente irônica de terminamos o capítulo que cabe ao intelectual francês, pois a Revolução Cubana é justamente a continuidade com o histórico de lutas libertárias, na esteira da guerra dos dez anos de 1868-1878, guerra chiquita, 1879-1880, da guerra de independência de 1895-1898 e de outros processos eleitorais como o processo de 1900 ou a revolução de 1933. A verdadeira interrupção é o ocaso produzido pela intervenção imperialista na guerra Cubano-Hispano-Americana (Ayerbe, 2003; Bandeira, 2004).

3. Hermenêutica da memória

No capítulo “*Três sujeitos de atribuição da lembrança: eu, os coletivos, os próximos*” , o empreendimento do filósofo francês é oferecer uma solução ao problema da memória aproximando fenômenos psíquicos dos mnemônicos, aproximando tese fenomenológica da memória da tese sociológica da memória. A posição de intersecção da aporia foi encontrada na região da linguagem. Paul Ricoeur nos diz que na noção de atribuição de operações psíquicas, no plano gramatical, isto ocorre pelo uso dos possessivos “meu”, “minha” e toda sua série “a asserção dessa possessão privativa da lembrança constitui, na prática da linguagem, um modelo de minhadade para todos os fenômenos psíquicos” (Ricoeur, 2007, p. 134)

No passo seguinte, visita o pensamento jurídico de John Locke e sua interlocução linguística com o verbo *appropriate* com o fim de ampliar seu campo semântico e propõe estendê-lo à recordação, pois segundo ele essa proposta se apoia na tese geral da totalidade do campo psíquico, “tanto na forma passiva da presença da lembrança no espírito, quanto na forma ativa da busca da lembrança” (Ricoeur, 2007, p. 135) Essas são teses que Ricoeur retira de um pensador e o leva a conclusão de que as relações gerais entre os predicados práticos e os predicados psíquicos em geral podem ser atribuídos a si mesmo e aos outros, levando-nos pelo menos a três conclusões fundamentais quanto à mobilidade da atribuição: ela pode ser suspensa



ou operada; os predicados conservam o mesmo sentido em duas situações de atribuição distintas; que a atribuição preserve a forma de adscrição da memória a si a ao outro. (Ricoeur, 2007, p. 135)

Ocorrem duas formas de atribuição. A si mesmo e ao outro, “a atribuição a outrem não é acrescida posteriormente, mas coextensiva à atribuição a si” (Ricoeur, 2007, p. 137) Na atribuição ao estranho, temos o caso da “interpretação das expressões verbais e não-verbais no plano do comportamento de outrem [...] que nos transporta para perto da experiência viva de outrem” (Ricoeur, 2007, p. 137). No caso da atribuição a si mesmo, “o preenchimento”, “ele imprime em meus atos a marca de uma possessão, de uma minhadade sem distância; uma aderência pré-temática, pré-discursiva, antepredicativa subentende o juízo de atribuição a ponto de tornar inaparente a distância entre o si e suas lembranças.” (Ricoeur, 2007, p. 137)

De fato, o juízo de atribuição se torna explícito quando replica, no plano reflexivo, à suspensão da atribuição espontânea a si dos fenômenos mnemônicos; ora, essa abstração não é arbitrária; ela é constitutiva do momento linguístico da memória, tal como a prática de linguagem cotidiana o promoveu, é ela que permite nomear e descrever de maneira distinta o “mental”. (Ricoeur, 2007, p. 137)

A uma pressuposição que pareceria erodida diante da parcial conclusão de que a ‘efetuação’ da atribuída a si se distingue da ‘apresentação’ atribuída ao outro não ser conjectural, mas certa, direta, segura, é superada quando sabemos que ela não é separada das duas precedentes, resumidamente descritas assim: a primeira proposição diz que os predicados psíquicos se referem à relações de rememoração, memorização e comemoração; enquanto que a segunda proposição se refere que se um fenômeno é atribuível a outro, ela o foi atribuível primeiro a si e de si coextensivamente ao outro (Ricoeur, 2007, p. 137). Comprovemos.

A assimetria é um traço adicional da capacidade de atribuição múltipla, que pressupõe a suspensão da atribuição a quem quer que seja. O problema das duas memórias não foi abolido. Foi enquadrado. O que distingue a atribuição a si, é a apropriação sob o signo da minhadade, *my own*. A forma de linguagem apropriada é a autodesignação, que, no caso da ação, reveste a forma específica da imputação. [...] E é essa capacidade de designar a si mesmo como o dono das próprias lembranças que, [...] leva a atribuir a outrem como a mim os mesmos fenômenos mnemônicos.. (Ricoeur, 2007, p. 138)

Aqui é onde se realiza a aproximação proclamada no início do artigo de tese fenomenológica e tese sociológica. O uso da sociologia da memória pela fenomenologia da



memória pode incidir diretamente na realidade social, “no cerne da qual se inscreve a participação de sujeitos capazes de designar a si mesmos como sendo, em diferentes graus de consciência refletida, os autores de seus atos” e que “esses desenvolvimentos são encorajados pela existência de traços do exercício da memória portadores da marca do outro.” (Ricoeur, 2007, p. 138)

O ingresso da memória na esfera pública, assim designada pelo autor, articula-se àquela memória que diz respeito aos nossos parentes, aos nossos próximos. Aqui também a palavra tem sua inegável importância. No mundo da vida, a porta de entrada para este tipo de relação eu-outro é o nome que me dão, e “essa palavra de outrem, depositada sobre uma vida inteira, ao preço das dificuldades e dos conflitos que se conhecem, confere um apoio de linguagem, um aspecto decididamente auto-referencial, a todas as operações de apropriação pessoal que gravitam em torno do núcleo mnemônico”. (Ricoeur, 2007, p. 139)

Essa persistência do ingresso da fenomenologia no interior da realidade social é ainda mais produtiva para o tema memória. Assinalemos mais algumas considerações. Retiradas por Ricoeur da obra do fenomenólogo Alfred Schutz, para quem a experiência do homem não é necessariamente egológica, senão que inscrita na realidade social “acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação” (Ricoeur, 2007, p. 139), reflexão que penetra no âmago do tema memória na esteira da fenomenologia da realidade social, porque ela “se dirige ao fenômeno transgeracional que se inscreve em zona intermediária.”(Ricoeur, 2007, p. 140).

Os contemporâneos, na compreensão Schutz, em seus estudos sobre os contemporâneos, predecessores e sucessores (Ricoeur, 2007, p. 140), sobre os primeiros ele diz que são a base desta memória como também são eles que expressam “a simultaneidade ou quase-simultaneidade da consciência de si do outro com a minha; em seu aspecto vivenciado, ele é marcado pelo fenômeno de “envelhecer junto” que põe em sinergia duas gerações em desdobramento” (Ricoeur, 2007, p. 140) que se encontra numa comunidade de tempo e espaço, e a memória compartilhada engendrada por ele escalona graus de personalização e de anonimato entre um “nós” e um “se”, do “um”, dos “outros”, e produzem a extensão do mundo dos predecessores e dos sucessores nas direções do passado e do futuro, da memória e da espera, chamados por ele de “extraordinários del vivir-juntos” que estão decifrados no fenômeno da contemporaneidade. (Ricoeur, 2007, p. 141)



5. As análises - Marcha Triunfal del Ejército Rebelde

O poema dactílico amétrico de base trissílaba ora analisado, herdeiro da tradição lírica épica de inspiração greco-latina, está apto a relatar eventos grandiosos e grandiloquentes.

Muito embora o cerne da análise interpretativa não seja o ritmo, sobre o qual se concorda com Octavio Paz quando ele diz que: “o poeta encanta a linguagem por meio do ritmo. Uma imagem suscita outra. Assim, a função predominante do ritmo distingue o poema de todas as outras formas literárias. O poema é um conjunto de frases, uma ordem verbal, fundados no ritmo” (PAZ, 1982, p. 68) cumpre assinalar que “uma das entradas possíveis para caracterizar o modo de ser da linguagem, é, portanto, o estudo dos seus ritmos” (BOSI, 1977, p. 67). Isso é importante, pois a eleição de um dátilo pelo autor revela seu conhecimento de métrica antiga e sua aptidão para narrativa do evento grandioso.

O seu marco temporal é um espaço de oito dias. O primeiro dia refere-se ao êxito da Revolução cubana, a derrocada da tirania batistiana e posterior fuga do ditador Fulgêncio Batista. O último dia refere-se ao ingresso dos revolucionários vitoriosos em Havana, capital do país, saídos do Oriente, cuja Caravana da Vitória havia saído de Santiago de Cuba a dois de janeiro e se dirigido à Havana, chegando nela ao dia oito de janeiro.

O poema inteiro não será analisado. Por questão de espaço exíguo e objetivo de análise. O eixo orientador da reflexão chama-se Fidel Castro e os significados que ele figura dele suscita.

Como é típico da poesia lírica, nela há o destaque para os elementos físicos e morais do herói. O poema faz isso e a análise perseguirá este percurso. Mas não sem antes tecer considerações sobre aspectos históricos relevantes à compreensão. Nem deixar ao abandono o anunciado no título do artigo: a hermenêutica da memória. Das duas partes em que parece se dividir o poema, apenas uma interessa.

*Los niños lo miran pasar aguerrido
y piensan, crecidos por la admiración
que ven a un rey mago, rejuvenecido,
y con cinco días de anticipación*

Esse trecho do poema é claramente o final da primeira parte. É a partir dela que começaremos.

Nela, observamos que o cristianismo e a sua tradição aparecem nesta estrofe como notáveis consortes a afirmar e reafirmar as qualidades morais do herói descrito. Pois os personagens bíblicos reis magos vêm anunciar uma boa nova: o nascimento de Cristo. O início



de uma nova era. Como este trecho também vem anunciar, ante o embevecimento das crianças, uma nova era. O êxtase demonstrado pelas crianças é antecedido por estrofes em que o poeta manifesta extremo lirismo, seja quando fala do povo ou quando fala da natureza do país. É o que se percebe na estrofe “*Pasa un jubiloso ciclón de banderas/ y de brazaletes de azabache y grana/ Mueve el entusiasmo balcones y aceras.*”

O ciclone de bandeiras que passam são certamente as bandeiras vitoriosas do Movimento 26 de Julho, cujas cores são pretas e vermelhas; por isso a referência “*azabache y grana*”. Cor típica da vestimenta dos toureiros, que nesta ocasião da estrofe tem duplo significado: de nobreza como ato de coragem e intrepidez e de compromisso com a pátria subjugada, pois o Movimento 26 de Julho foi fundado por Fidel Castro após o ataque ao Quartel Moncada em Santiago, data e lugar do início da Revolução. A mesma faísca que ofereceu alento aos espectadores do evento ousado em 1953, veio agora na forma de povo celebrar o êxito do processo popular “*mueve el entusiasmo balcones y aceras*”, cuja carga poética de imagem mental fica reafirmada pelo recurso latino do hipérbato, apto a despertar emoções estéticas por causa da inversão da relação verbo e sujeito e para destacar, conscientemente, os sujeitos, com a intenção de deslocar a intenção do sujeito-leitor para eles, como de fato acontece.

A estrofe que inicia a análise é imediatamente posterior a esta.

*Pasa fulgurante Camilo Cienfuegos.
Alumbran su rostro cien fuegos de gloria.
Pasan capitanes, curtidos labriegos
que vienen de arar en la Historia.*

A aparição do substantivo História com H maiúsculo não é mesquinha tampouco fortuita. Trata-se de privilegiado momento em que a história como regime de viver juntos de membros de uma coletividade que se estendem aos seus predecessores e sucessores nesta complexa corrente do passado e presente se manifesta, é o momento da memória na compreensão de Paul Ricoeur. Assume no poema um momento privilegiado pelo uso da repetição de verbos-chave nesta estrofe e em estrofes antecessoras, são eles *pasar* e *vienen* – os versos em questão são – *vienen vencedores del hambre* e *vienen con el ânsia del pueblo encendido*, contribuindo para aquilo que Antonio Candido chamou de círculo hermenêutico, porém, cujos significados ficarão claro no parágrafo a seguir.

“Labriegos”, referido genericamente como povos rurais, são todos os homens, que de alguma forma, na primeira parte do poema no verso referido ao êxito revolucionário, em versos como *por el ojo alerta del campesinado/ y el amparo abierto de cada bohío* incendeiam e



preenchem o ar fétido de outrora pelo ar idílico do momento em surgimento “*Vienen con fragancia de vida rural*”. Como homem de origem simples e rural é igualmente o comandante Camilo Cienfuegos, que na guerra revolucionária chegou a servir de nome a batalhão de combate, no qual se reuniram homens do “*llano*” e das “*montañas*”, e que obedece ao sentido espacial e temporal estendido ao passado e ao futuro, compreendido toda a totalidade dos eventos mnemônicos – não pela presença de pronomes possessivos – mas pela relação semântica de adjetivo, verbo e substantivo, *curtidos, arar e Historia*. Cujas mesma linha de interpretação confirmar-se-ia por verso anterior “*vienen con un triunfo de fusil y arado*”, palavra nominalizada, de forte sentido de escavação histórica, de esforço reflexivo do indivíduo que supera a frustração e conquista a vitória “*triunfo de fusil*”. Do mesmo indivíduo inseridos no interior da História com H maiúsculo e memória, e que agora é testemunha privilegiada da mudança qualitativa por que passa sua nação, pois, enfatize-se, *bohíos* correspondem para nós a favelados, e até eles comemoram o evento transformador, acredita-se, de certo modo ainda não ingênuo, contudo, absolutamente participativo, pois, como já se afirmou participaram do feito homens do *llano* e das *montañas*, homens que para quem só importava seu país *Sólo importa Cuba! Sólo importa el sueño de cambiar la suerte*, homens destemidos, pois para livrar-se do jugo não mediram esforços. Vejamos:

*No importa el insecto, no importa la espina/
la sed consolada con parra del monte/
llas lluvias, el viento, la mano asesina/
siempre amenazando en el horizonte*

Nada. Nenhum evento natural ou humano, *la mano asesina siempre amenazando*, podia deter estes homens. Podia deter seu compromisso, que será mais bem expressado em um homem. No herói da trama poética cujo triunfo foi mesmo escavado na história. Na história do povo cubano. Fosse na guerra de 1868, que não previa abolição da escravidão nem formação de uma pátria, fosse na guerra de 1895, que cogitava tudo isso, todavia, viu sua pátria interrompida por invasão estrangeira.

Este triunfo escavado na história é que abrirá passo a Fidel Castro e a revolução popular liderada por ele.

*Ya entre los mambises del bravío Oriente
Sobre un mar de pueblo, resplandece un astro
ya vemos...ya vemos la cálida frente,
el brazo pujante, la dulce sonrisa de Castro.*



Os mambises merecem um capítulo inteiro. Eles são a memória da cova anticolonial do império Espanhol na importante colônia de Santo Domingo. No ano de 1865 a Espanha perdeu Santo Domingo e os mambí tiveram papel importantíssimo nessa vitória revolucionária. Tratava-se de homens negros de origem africana que não aceitavam o domínio colonial nem as práticas racistas e que se rebelaram; na ocasião esta palavra “era usada para sugerir que eram todos bandidos e criminosos”, porém, pouco tempo foi suficiente para ressignificá-la e passar a ser usado como símbolo de orgulho já em território cubano, para onde muitos deles haviam emigrado depois do êxito em 1865, “a palavra *mambí* foi usada novamente pelos espanhóis na guerra cubana, onde ganhou circulação, sendo rapidamente assumida pelos próprios negros como signo de distinção” (GOTT, 2006, p. 91)

O Oriente foi uma região privilegiada de eventos rebeldes. Vários emigrados assentaram residência lá. O mais ilustre deles, Máximo Gómez, comandaria na segunda guerra de independência o exército libertador. O predicado *bravío* não é mero golpe de retórica, senão uma realidade que ingressa na memória de testemunhas e estudiosos como símbolo de rebeldia. Santiago, localizada no Oriente no país, e província para qual eles foram, tem desde muito tempo significado de rebelião, de insubordinação e ser santiaguero é sinônimo de rebelião e se fez fiel à sua tradição histórica. Ponto pacífico na memória da ilha. Razão ainda mais reforçada pelo fato da Revolução de 1959 ter começado lá no ano de 1953. Não obstante, poderíamos dizer que a Revolução do século XX começou não, pois, como afirma o próprio Fidel Castro em julgamento a que foi submetido em 1953 perante seus julgadores sobre quem era o artífice daquele movimento, respondeu: José Martí.

Mas não foi apenas José Martí o artífice daquele movimento. Senão, ele, Máximo Gómez, Antonio Maceo e predecessores mais antigos como Simón Bolívar, que sonhava com uma América unida e que não libertou Cuba do jugo espanhol por muito pouco. Essa compreensão não é completamente estranha e há até quem afirme ser de fato a revolução cubana não apenas cubana “independientemente de las proyecciones que alcanzó en su tiempo, fue una revolución latinoamericana y, aunque parezca elemental decirlo, cubana” (MIREs, 1988, p. 279). Foi também resultado de processos sociais modernos, assim a entende o mesmo autor. Modernidade capitalista e imperialista que influenciaria na compreensão de Martí.

O pensamento dele forjou-se quando ainda era muito jovem e experimentou o cárcere cubano por defender a liberdade de seu país na guerra de 1868. Mais tarde, já na fase adulta, organizou-se, fundou um partido e buscou os líderes Máximo Gómez e Antonio Maceo para



lançar uma guerra, que esteve inserida na realidade dos processos sociais modernos do capitalismo, sem no entanto jamais esquecer os próceres da América, é o que confirma Salvador Morales “los hechos de armas contra el colonialismo español, tienen en Martí lugar preferente por lo que los héroes que condensan y simbolizan el proceso liberador de nuestra América, ocupan totalmente su pensamiento” (MORALES, 1984, p. 54)

*¡Fidel, fidelísimo retoño martiano
asombro de América, titán de la hazaña,
que desde las cumbres quemó las espinas del llano,
y ahora riega orquídeas, flores de montaña.*

O sentido precípuo e particular dos versos acima, particularmente *Fidel, fidelísimo retoño martiano/asombro de América, titán de la hazaña* é martianismo mesmo, luta anticapitalista, afirmação nacional, anticolonialismo. Em resumo, é todo o pensamento de José Martí, cuja herança Fidel proclamava transformado em realidade. Uma realidade que não era apenas localista, da terra, mas, pelo contrário, profundamente latino-americana, representada nos versos do poema por um homem que não era cubano, mas que como bom internacionalista foi à Cuba lutar por uma nação, são eles *Con los invasores, pasa el Che Guevara,/Alma de los Andes que trepó el Turquino,/San Martín quemante sobre Santa Clara,/ Maceo del Plata, Gómez Argentino*. Ou seja, Fidel que é Che, Che que é Fidel, pois os versos se amparam mutuamente, reafirmando seu sentido e o caráter internacionalista das revoluções socialistas. Esta vitória dos revolucionários e socialistas Guevara, Fidel, Raúl, Camilo Almeida era a supressão máxima de qualquer aleivosia anexionista, a consolidação da nação frustrada e interrompida, o cumprimento das promessas inesquecíveis. Em poucas palavras, é aquilo que Morales disse do homem Martí “sintetizador de una conciencia latinoamericana vinculada a la praxis revolucionaria” (MORALES, 1984, p. 102)

*Y esto que las hieles se volvieron miel,
se llama...
¡Fidel!
Y esto que la ortiga se hiciera clavel,
se llama...
¡Fidel!*

*Y esto que mi Patria no sea un sombrío cuartel,
se llama...
¡Fidel!*

O verso é particularmente importante. Por um lado pelo fato de que a fauna sempre participou de modo fecundo da vida das gentes e da memória poética dos artistas antepassados



e por também o trecho *las hieles se volvieron miel, se llama Fidel* trazer mudança de tipo qualitativo, ao superar a amargura, o sabor acre, este elemento de caráter naturalista que é *hieles*, da fauna transformado pelo homem *se llama Fidel*.

O desejo manifestado *esto que mi Patria no sea un sombrío cuartel* remete a varios eventos históricos da Ilha. O país foi colocado sob lei marcial em 1824 com o objetivo de reprimir os que promovessem distúrbios (GOTT, 2006, p. 73) e durou 50 anos; a criação lá nos idos de 1810 dos *Voluntarios*, verdadeiras milícias de matadores que aterrorizaram o país por décadas; o ressurgimento deles na guerra de libertação de 1895 sob o comando de Valeriano Weyler e a criação de campos de concentração para confinar o povo e minar o apoio popular à causa além de intimidar a população havaneira (GOTT, 2006, p. 114); a invasão de Cuba pelos Estados Unidos em 1898, sua permanência até 1902, época da Emenda Platt, instrumento de dominação da ilha, que foi sempre interpretada para permitir diferentes invasões da ilha, como aconteceu nos anos de 1907 a 1909, 1912, 1917 e 1923. Estes são os eventos mais destacados a que o verso faz evocação.

Esse verso em questão também é prolífico para o tema da memória. Segundo Paul Ricoeur, os pronomes possessivos estão aptos para, no plano gramatical, para a atribuição de operações psíquicas e isso ocorre no trecho *mi Patria*, o que ele chamará de “posesión privada para todos los fenómenos psíquicos” (Ricoeur, 2008, p. 163). Essa possessão privada é da relação indivíduo-pátria e pode ser atribuída a qualquer indivíduo. Essa atribuição é uma mudança de tipo qualitativo tremenda pois irá desembocar e resultar na pessoa do comandante Fidel no trecho vinculados pelo pronome demonstrativo neutro *esto ... se llama Fidel*, mas como o indivíduo não tem relação direta com a memória da nação, ele necessita de duas coisas: a atribuição a si e ao outro, porém, essa atribuição é possível por aquilo que Ricoeur vai dizer dos nossos parentes próximos, que são a conexão entre mim e o outro, são a abertura para o mundo. A experiência viva do poeta é também a experiência viva de qualquer outro indivíduo que compartilhar a chamada experiência do regime de viver juntos, que sofregamente experimentou a realidade inesquecível de sua pátria.

*y esto que la bestia fuera derrotada por el bien del hombre,
y esto, que la sombra se volviera luz,
esto tiene un nombre, sólo tiene un nombre...
¡Fidel Castro Ruz!*

Outro dos aspectos relevantes é a concepção de Paul Ricoeur do momento linguístico da memória tem estrutura, relevância e estrutura. Exemplo disso é o verso “*Y esto que las hieles*



se volvieron miel, se llama...Fidel!”. A amargura, o sabor acre, este elemento de caráter naturalista, da fauna é transformado pelo elemento homem. Há uma mudança de grau e qualitativa na perspectiva de uma nação, do surgimento de uma pátria que havia sido negada. Fidel amalgama em si mesmo a vitória sobre a República interrompida, sobre a tirania batistiana, e se de símbolos estivéssemos necessariamente falando, diríamos também que *miel* carrega no seu interior uma inegável referência material a tudo o que sofreu este povo pelo destino que o açúcar como ativo econômico representou para eles. De opressão, de dependência, de destino imutável. Realidade completamente superada pelo momento vindouro.

Considerações finais

O êxito logrado pela Revolução foi o ponto histórico de culminância que se realizou após as lutas libertárias empreendidas na Guerra dos Dez Anos e na Guerra de 1895. O ano de 1959 não foi destino, pelo contrário foi antes um rechaço conscientemente envidado contra a prisão de um passado que insistia em persistir. A guerra fecundou, gestou e pariu a nacionalidade e a liberdade garroteadas.

Referências

- AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo, Unesp, 2004.
- BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz. **De Martí a Fidel**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CARDET, José Abreu. **Introducción a las armas**. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 2005.
- GOTT, Richard. **Cuba uma nova história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.
- GRANMA. Marcha Triunfal del Ejército Rebelde. **Marcha Triunfal del Ejército Rebelde**. Acesso em 09 de Novembro de 2017, disponível em Granma: <http://www.granma.cu/hasta-la-victoria-siempre-fidel/2016-12-01/marcha-triunfal-del-ejercito-rebelde-01-12-2016-02-12-37>, 01 de Dezembro de 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 1990.



MIRES, Fernando. **La rebelión permanente**. México, Siglo Veintiuno Editores, 1988.

MORALES, Salvador. **Ideología y Luchas Revolucionarias de Jose Marti**. La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 1984.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RICOEUR, Paul. Três sujeitos de atribuição da lembrança: eu, os coletivos, os próximos. In: P.

RICOEUR, **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo, UNICAMP, 2007, p. 134-151.